

LAZZARINI, Isabella, ed. (2021), *The Later Middle Ages*, Oxford, Oxford University Press. ISBN: 978-0-19-873163-4. 296 pp.

André Rodrigues
FLUP/CITCEM
andremrodrigues.chaves@gmail.com

Isabella Lazzarini, a editora da obra, fez o doutoramento na Scuola Normale Superiore de Pisa e é professora de História Medieval na Universidade de Molise, em Itália. A sua investigação está ligada à comunicação política na península itálica entre os séculos XIV e XVI, destacando-se, pela qualidade da reflexão, a obra *Communication and Conflict: Italian Diplomacy in the Early Renaissance (1350-1520)*, também publicada pela Oxford University Press. A obra que dirige, *The Later Middle Ages*, encontra-se inserida na coleção Short Oxford History of Europe, que para o período medieval conta também com as obras *The Early Middle Ages*, dirigida por Rosamond McKitterick e publicada em 2001, e *The Central Middle Ages*, dirigida por Daniel Power e publicada em 2006.

O volume de Lazzarini, dividido em 7 capítulos temáticos, chega com uma diferença de 15 anos em relação ao anterior, embora no prefácio a editora nos informe que esta obra já tinha sido concebida no início dos anos 2000, tendo os primeiros textos, de John Watts, Robert Swanson, Matthew Kempshall e Stephan R. Epstein, sido produzidos na primeira década do século XXI e atualizados, em termos de bibliografia e de conteúdos, para esta publicação.

No primeiro capítulo (*Power, government, and political life*, pp. 19-41), John Watts, professor no Corpus Christi College da Universidade de Oxford, faz uma breve análise sobre a historiografia política de finais do século XIX e meados do século XX, em que os acontecimentos políticos do final da Idade Média eram analisados como uma massa confusa e desarticulada de conflitos, sem uma interpretação possível, e que apenas recentemente têm vindo a ser valorizados. O autor defende que isto se deve a uma maior compreensão do papel das divergências e conflitos políticos no crescimento dos estados. Procura assim identificar padrões nos acontecimentos políticos do século XIV e XV e demonstrar como estes foram essenciais para o surgimento dos chamados *composite states* do século XVI.

No capítulo dedicado à economia (*The economy*, pp. 43-76), produzido por Stephan R. Epstein, professor da London School of Economics, falecido em 2007, com a colaboração de Christopher Dyer, professor emérito da Universidade de Leicester, os autores referem a vantagem deste período final da Idade Média, em relação aos anteriores, que se encontra mais bem documentado, o que permite estudos mais sistemáticos e completos do que os períodos anteriores. Ao longo do capítulo, apresentam as complexidades desta época, marcada pelo final do crescimento populacional e económico que se verificava até começos do século XIV e que dá início a um período de crise e de profundas mutações que se estende até meados do século XV e inícios do XVI. Afirmam ser essas mutações sofridas pela economia europeia, entre meados do século XIII e XVI, que lhe permite adquirir características para competir e depois ultrapassar as outras economias euroasiáticas, o principal objeto deste capítulo.

Robert Swanson, professor emérito da Universidade de Birmingham, escreve o capítulo dedicado à história da igreja católica e à vida religiosa (*The church and religious life*, pp. 79-107) descrevendo este período como um enclave complexo entre uma igreja consolidada, e em muitos aspetos fundada, entre os séculos XII e XIII, e a igreja reformada do século XVI. Os séculos XIV e XV foram, por isso, vistos como um período de decadência da estrutura eclesiástica, no qual se tentaram identificar os traços de uma reforma que ainda não tinha chegado. O autor sublinha como a diversidade de interpretações e de vivências religiosas, que marcaram este período, não foram suficientes para causar uma rutura, atuando a recém inventada imprensa como um mecanismo de divulgação e consolidação, e não, ainda, como uma ameaça à ortodoxia. Segundo Swanson, apesar do enfraquecimento da autoridade papal, indelevelmente maculada pelo cisma de 1378-1417 e pelo movimento conciliar, no final do século XV, e apesar de todas as cedências que tivera de fazer, o papado continuava a gozar de uma autoridade espiritual indiscutível.

No quarto capítulo, sobre a cultura e as artes (*Culture and the arts*, pp. 109-134), Alexander Lee começa por descrever a evolução que se verificou na historiografia entre Burckhardt (*Die Kultur der Renaissance in Italien*) e Panofsky (*Renaissance and Renascences*) que, embora separados por 100 anos, são ambos defensores de um contraste entre a europa do Norte e a península itálica. O autor demonstra-nos os problemas desta tese, referindo que os avanços culturais não eram uniformes, dando-se a sua transmissão

de forma irregular, e que as fronteiras políticas não eram capazes de impedir essa mesma transmissão de modelos e de ideias. Apresenta o final da Idade Média como uma época de diversidade cultural, marcada por várias tendências em cada um dos ramos artísticos, e não de separação cultural, como anteriormente. Estas diferenças, diz o autor, emanadas dos diferentes cantos da Europa, desenvolviam-se em paralelo na literatura, na música, na escultura, na arquitetura e na pintura, encontrando na imprensa, a partir do final do século XV, um meio de difusão cultural sem precedentes até à época.

O capítulo seguinte (*Space, time, and the world*, pp. 137-168) da autoria de Matthew Kempshall, professor no Wadham College da Universidade de Oxford, versa sobre as conceções de espaço e tempo, e como estas evoluíram, ao longo dos séculos XIII a XV. Durante este período, diz-nos o autor, o mundo conhecido pelas sociedades europeias expande-se significativamente, desde as viagens de missionários mendicantes para oriente até à chegada ao continente americano de Cristóvão Colombo, e que essa expansão é representada cartograficamente. Quanto ao tempo, o dia deixa de ser medido através das horas litúrgicas e vai ganhando espaço uma divisão do tempo em 24 horas, ditada pelos relógios mecânicos. Para o autor, não se trata apenas de uma secularização do tempo, mas antes de uma mercantilização, da sua transformação num instrumento de poder.

No seu capítulo (*Society, family, and gender*, pp. 171-192), Catherine Kovesi, professora na Universidade de Melbourne, começa por afirmar a dificuldade em escrever sinteticamente sobre estes tópicos, no fim da época medieval, devido à sua enorme variabilidade ao longo de fronteiras políticas, tradições legais e grupos sociais. No entanto, a autora descreve também vários elementos comuns que permitem uma análise comparativa: o cristianismo como base da vida em sociedade, a aceitação da diferença física e sexual entre homens e mulher, a dependência de estruturas patriarcais e os ideais de família e comunidade, que impossibilitavam a existência de indivíduos isolados. Kovesi descreve-nos um período dinamizado por disputas intelectuais e pelo questionar de dogmas, focando-se na gradual afirmação das mulheres, que leva, desde o século XV, ao início da chamada “querelle des femmes”.

Por fim, Catherine Holmes, professora na Universidade de Oxford, apresenta-nos um capítulo sobre a Idade Média Global (*Global Middle Ages*, pp. 195-218), focando a sua análise na questão política, mais concretamente na atuação das elites governantes e

nos paralelos que podem ser estabelecidos ao longo de realidades geográficas e culturais significativamente diferentes. A autora começa por reconhecer a importância de analisar o modelo de governantes mediadores (“rulers as brokers”), que agiam no Mediterrâneo oriental, entre diferentes interesses, grupos e redes, para a compreensão de outras estruturas políticas no cenário asiático. No entanto, refere que esta aproximação poderá cair no erro de desconsiderar as capacidades que certas redes e grupos tinham para se adaptarem e negarem uma série de recursos e contactos fundamentais a esses mesmo governantes que tentavam impor o seu papel mediador. Holmes defende que estas relações, entre os governantes e esses grupos, estavam assentes, ao longo dos séculos XIV e XV, num equilíbrio frágil e que sofria reajustes constantes.

Tal como as duas outras obras dedicadas à Idade Média da colecção *Short Oxford History of Europe*, o volume dirigido por Isabella Lazzarini revela-se um ponto de partida seguro e atualizado não só para estudantes, mas também para qualquer investigador, que procure uma síntese recente, quer de problemáticas quer de bibliografia, sobre alguns dos principais campos de investigação. Ambos poderão tirar proveito desta obra, através de textos que, mesmo fazendo justiça ao adjetivo que consta no título da colecção (“short”), põe o leitor a par daquilo que a historiografia mais recente vem produzindo sobre cada assunto. Em cada um desses capítulos, escritos por especialistas consagrados, os conteúdos são abordados de uma maneira concisa e clara, em que os autores evitam demasiados detalhes ou aprofundar certas questões. Os problemas que poderiam surgir devido à diversidade de autores, como a incoerência ou desarticulação da obra coletiva, são colmatados pelos textos de introdução e conclusão da editora Isabella Lazzarini, que conseguem dar consistência a este conjunto de textos.

Esta forma de apresentar os conteúdos, longe de ser um defeito, revela-se uma qualidade da obra, tornando-a inteligível a um maior número de leitores, dentro e fora das universidades, e incentivando um esforço de síntese, ferramenta essencial tanto para a divulgação, como para o ensino científico. No entanto, aqueles que procurarem ir mais longe sobre as temáticas abordadas encontram, no final da obra, uma secção intitulada *further reading* (p. 225-251), onde são dadas indicações bibliográficas, organizadas por capítulo, incluindo não só os estudos mais clássicos, produzidos na segunda metade do século XX, mas também os mais recentes contributos científicos.